

METRITE PUERPERAL EM VACA DA RAÇA HOLANDESA¹

Edson Felipe Silva², Aline Krysczun Titzmann³, Samir Antonio Maboni Durlo⁴, Cristiane Beck⁵, Denize Da Rosa Fraga⁶.

¹ Relato Estágio Clínico I em Medicina Veterinária, UNIJUI.

² Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da UNIJUI, edsonsilva13@hotmail.com

³ Médica Veterinária, alinetietzmann@hotmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da UNIJUI, s.durlo@hotmail.com

⁵ Professora Mestre em Medicina Veterinária da UNIJUI, cristiane.beck@unijui.edu.br

⁶ Professora Orientadora Mestre em Medicina Veterinária da UNIJUI, denise.fraga@unijui.edu.br

Introdução

Entre os fatores que determinam adequados índices de fertilidade, as afecções reprodutivas periparto são aquelas que mais interferem no bom desempenho reprodutivo dos rebanhos, como é o caso de metrite puerperal pela alta frequência e as consequências diretas que exercem sobre o tempo requerido para o estabelecimento de uma nova prenhez (ANDRADE, 2008).

De acordo com REBHUN (2000) a metrite é um termo utilizado para denominar as infecções uterinas do pós-parto do endométrio e das camadas mais profundas que podem ou não causar sinais septicêmicos, podendo ter implicações no desempenho reprodutivo dos animais acometidos.

A metrite é definida como inflamação de todas as camadas da parede uterina, ocorrendo dentro das primeiras duas semanas pós-parto e comumente envolve aborto, distócia e membrana fetal retida (SMITH, 2006).

Este trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de metrite puerperal em vaca da raça Holandesa, com aproximadamente 500Kg de peso vivo.

Metodologia

Uma vaca da raça Holandesa foi atendida no município de Santo Augusto no Rio Grande do Sul, Brasil com sinais clínicos de metrite puerperal, o mesmo foi acompanhado durante o Estágio Clínico I em Medicina Veterinária da UNIJUI.

Durante a anamnese o proprietário relatou que o animal apresentava relutância em alimentar-se, estava apática, com diminuição na produção de leite e presença de pus branco escassa na região da

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

vagina. Também foi mencionado pelo proprietário que o animal teve um parto gemelar e que havia sido tratado para uma suposta retenção de placenta.

Ao exame clínico e físico o animal neste caso apresentava-se apático, temperatura retal de 41,5°C, tempo de perfusão capilar de um segundo, mucosas rosadas, frequência cardíaca 70 batimentos por minuto, frequência respiratória 30 movimentos respiratórios por minuto.

Resultado e discussão

A confirmação da metrite puerperal pode ser feita através da palpação retal, por vaginoscopia, por palpação vaginal, culturas bacteriológicas, análises hematológicas, entre outros (DOLEZEL et al., 2008). No caso estudado a metrite foi confirmada pela palpação retal.

O grau de consistência e odor do corrimento uterino reflete o número de bactérias presentes no útero, que no caso do odor passa a fétido após o terceiro ou quarto dia nos casos de metrite puerperal tóxica e, mais tarde, entre o dia seis e dez do pós-parto, nos casos menos severos (GALHANO, 2011). Foi verificado no caso clínico um conteúdo purulento sem odor, o que condiz com a literatura, pois o animal encontrava-se num período de 10 dias pós-parto.

A palpação retal é o meio de maior utilização no diagnóstico das infecções uterinas, e é particularmente importante na avaliação do estado da involução uterina (RISCO; YOUNGQUIST; SHORE, 2007). No caso clínico a massagem suave no útero por palpação possibilitou a saída de material purulento, o que confirmou o diagnóstico de metrite.

No diagnóstico deve ser dada atenção especial aos animais mais susceptíveis de serem acometidos pela doença, que são as vacas recém-paridas, especialmente com história prévia de retenção placentária e distócia, e as que têm parto gemelar (SHELDON et al., 2006). Sem dúvida a anamnese é uma das etapas mais importante quando se fala em clínica, pois foi através dela que o proprietário relatou que o animal teve um parto gemelar seguido de retenção placentária. Para BLOOD & RADOSTITS (1987) a metrite pode ocorrer em 80% das vacas com retenção de placenta. Além disso, partos sujos e distócicos, atonia uterina, contaminação iatrogênica vaginal e cetose elevam a hipótese de metrite (CURTIS et al., 1984). Segundo HORTA (1994) a gemelaridade aumenta significativamente a retenção de placenta e, no entanto, é provável que a retenção placentária seguida a partos gemelares esteja associada a uma diminuição da duração da gestação, verificada nestes casos menos 4 a 9 dias relativamente à média. Neste caso o parto gemelar teve relação direta com a retenção de placenta evidenciando ser condizente com a literatura.

As principais bactérias responsáveis pela infecção uterina na maioria dos casos são *Arcanobacterium pyogenes*, sozinho ou em associação com *Fusobacterium necrophorum* ou outras bactérias anaeróbicas gram-negativas (KAHN, 2008).

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

De acordo com LOPES et al. (2008) a retenção das membranas fetais compreende a ausência de deiscência e falha na expulsão dos envoltórios fetais durante o terceiro estágio do trabalho de parto fisiológico (eutócico), sendo resultado de insuficiência nas contrações uterinas ou de lesão placentária que afeta a união física entre as vilosidades cotiledonárias fetais e as criptas carunculares maternas. Na fêmea bovina as membranas fetais são normalmente expelidas do útero em até 12 horas após o parto, sendo que após esse período estas são consideradas retidas (LOPES et al., 2008).

Em um primeiro momento foi realizado a palpação retal, massageando o útero cuidadosamente na tentativa de expelir produtos oriundos de infecção e foi verificada a presença de exsudato purulento. Diante disso suspeitou-se de metrite. De acordo com SMITH (2006) o corrimento pode variar de pus branco a muco estral, podendo ser encontrado exsudato purulento apenas com palpação ou na vagina cranial e no canal cervical por exame com espéculo.

Após a realização do diagnóstico foi feita a prescrição pelo médico veterinário de uma associação antibiótica e anti-inflamatória de benzilpenicilina potássica, benzilpenicilina procaína, benzilpenicilina benzatina, estreptomicina e diclofenaco sódico, na dose de 15mL, via intramuscular, durante três dias, lavagem uterina com sulfato de gentamicina, na dose de 50mL e aplicação de cipionato de estradiol, na dose de 5mL, via intramuscular. Segundo SMITH (2006) as bactérias que infectam o útero de vacas geralmente são susceptíveis a penicilina, mas somente após o primeiro mês pós-parto, isto se deve ao fato de microorganismos contaminantes ocasionalmente produzirem penicilase, portanto a penicilina supostamente não será eficaz se administrada localmente durante o período pós-parto inicial.

SMITH (2006) descreve que a oxitetraciclina também é uma opção de tratamento ativa contra muitos dos microorganismos que infectam o útero bovino e sua atividade é apenas levemente reduzida por fragmentos orgânicos e ausência de oxigênio. Este tratamento poderia ser empregado segundo literatura citada no tratamento da metrite. Há controvérsias quanto à indicação de gentamicina, um aminoglicosídeo de largo espectro que causa depressão da função neuromuscular e para a avaliação dos seus efeitos no útero foi realizado estudo utilizando amostras de miométrio de vacas não prenhes, na fase folicular, concluindo assim que o sulfato de gentamicina apresentou efeitos inibitórios nas contrações espontâneas do miométrio, bem como nas contrações induzidas por ocitocina e prostaglandinas, restabelecendo a contratilidade do tecido após o pico de inibição com a adição de cálcio (MAIA, 2006). No caso clínico foi utilizada lavagem intrauterina com gentamicina, o que assume uma relação de contraste com a literatura citada.

A administração de estrogênios está contraindicada no tratamento de metrite puerperal, pois apesar de aumentarem a resistência do trato reprodutivo a infecções, desencadeiam um aumento no fluxo

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

sanguíneo do útero e posterior aumento da capacidade de absorção das endotoxinas bacterianas (NOAKES; PARKINSON; ENGLAND, 2001). Para ANDRADE (2008) a utilização de estrógenos aumenta o risco de ocorrência de absorção de toxinas, o que pode favorecer uma septicemia e salpingites, isto devido ao fato da abertura da junção uterotubárica e admissão de secreções e contaminantes para dentro do oviduto. Foi utilizado cipionato de estradiol o qual diverge com a literatura.

A utilização de prostaglandina pode produzir um efeito positivo na expulsão do lóquio por aumento do tônus uterino, na atividade miometrial e fagocitária (PALMER, 2003). No caso clínico não foi administrado este fármaco, o que está em desacordo com a literatura citada.

O uso da ocitocina como terapêutica na metrite puerperal é bastante acessível, no entanto, é considerado um meio ineficaz na eliminação do lóquio na vaca recém-parida, pois nas primeiras 48 horas ocorrem uma diminuição em nível dos receptores da ocitocina presentes no miométrio, lembrando ainda que o período de duração da resposta é curto (PALMER, 2003). Neste caso o animal apresentava um período de 10 dias pós-parto, o que explicava o não uso de ocitocina.

Conclusão

O tratamento instituído não foi eficaz na resolução do caso. Desta forma, conclui-se que o parto gemelar influenciou na retenção placentária e posterior metrite. A antibioticoterapia deve ser orientada sempre para a melhoria da fertilidade e para agir contra os principais patógenos presentes no útero, bem como manter a atividade farmacológica do medicamento no ambiente uterino sem comprometer os mecanismos imunológicos e não provocar nenhum tipo de agressão ao trato reprodutivo.

Palavras-Chave: útero; doença reprodutiva; bovinos.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, S. F. Manual de terapêutica veterinária. 3. ed. São Paulo: Roca, 2008.
- BLOOD, D.C; RADOSTITS. O.M. Clínica Veterinária: Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.860p.
- CURTIS, C. R. et al. Epidemiology of parturient paresis: predisposing factors with emphasis on dry cow feeding and management. Journal of Dairy Science, v. 67, p. 817-820, 1984.
- DOLEZEL, R. et al. Systematic clinical examination of early postpartum cows and treatment of puerperal metritis did not have any beneficial effect on subsequent reproductive performance. Veterinarni Medicina-Praha,
- GALHANO, H. E. Estudo da metrite puerperal numa exploração leiteira da região de Idanha-a-Nova. 2011. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado Integrado de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

- HORTA, A. E. M. Etiopatogenia e terapêutica da retenção placentária nos bovinos. Proc. 7^{as} Jornadas Internacionais de Reproducción Animal, AERA, Murcia, p. 181-192, 1994.
- KAHN, C. M. Manual Merck de veterinária. 9. ed. São Paulo: Roca, 2008.
- LOPES, D. T. et al. Retenção dos envoltórios fetais em vacas leiteiras: importância da etiopatogenia. Publicações em Medicina Veterinária e Zootecnia, Londrina, p. 1-24, 2008.
- MAIA, R. R. Tratamento de infecções uterinas bacterianas inespecíficas em bovinos: revisão bibliográfica. 2006.
- NOAKES, D. E.; PARKINSON, T. J.; ENGLAND, G. C. W. Infertility in the cow: structural and functional abnormalities, management deficiencies and non-specific infections. In: NOAKES, D. E.; PARKINSON, T. J.; ENGLAND, G. C. W. Arthur's veterinary reproduction and obstetrics. 8. ed. China: W. B. Saunders, 2001. p. 383-472.
- PALMER, C. Post-partum metritis in cattle: a review of the condition and the treatment. Large Animal Veterinary Rounds, 3(8), 2003.
- REBHUN, W. C. Diseases of dairy cattle. Media: Williams & Wilkins, 2000. 630p.
- RISCO, A. C.; YOUNGQUIST, R. S.; SHORE, M. D. Postpartum uterine infections. In: YOUNGQUIST, R. S.; THRELFALL, W. R. Current therapy in large animal theriogenology. 2. ed. USA: Saunders Elsevier, 2007. p. 339-344.
- SHELDON, I. M. et al. Defining postpartum uterine disease in cattle. Theriogenology, p. 1516-1530, 2006.
- SMITH, B. P. Medicina interna de grandes animais. 3. ed. São Paulo: Manole, 2006.